

VIDA ENQUANTO VONTADE DE POTÊNCIA

Alisson Flores Caires*

RESUMO: O presente artigo pretende investigar a concepção Nietzscheana de Vida e natureza, buscando esclarecer a relação que há entre essas duas forças contrárias e únicas. Evidenciaremos a possibilidade do conhecimento do que seja a natureza e qual o papel do homem neste processo genealógico.

PALAVRAS-CHAVE: Vida. Natureza. Genealogia. Homem.

1 INTRODUÇÃO

Ao pensarmos no que a natureza é, estamos, de certa forma, pensando no que é o homem. Pois ao refletir sobre a essência das coisas, a natureza em si, esboçamos uma nova maneira de compreender a natureza e como consequência o homem.

Analisaremos o pensamento de Nietzsche, autor polêmico e controverso, que com o incessante martelar ergue um vasto monumento, crítico ferrenho da razão ocidental, dedica seu grandioso monumento à crise da sociedade ocidental. Ele é um autor completo, um espírito livre. No presente artigo trataremos da concepção nietzscheana acerca da natureza que se revela como uma reflexão sobre o homem.

Não podemos compreender a natureza em si e por si mesma, este é um caminho inviável para o homem. Assim como não podemos pensar o homem em si e por si mesmo, pois esta é uma via igualmente inviável, como ressalta Ricardo Espinoza Lolas (2008). O que nos resta então a fazer? Como podemos compreender o que é a natureza?

* Discente do quarto semestre do curso de licenciatura em filosofia do Instituto de Filosofia Nossa Senhora das vitórias em parceria com o Centro Universitário Claretiano. E-mail: alisson_caires@hotmail.com



Mas pensar o homem e a natureza a partir de qual paradigma? Certamente não o faremos a partir do pensamento moderno. Nietzsche em diversos momentos faz alusão à falta de sentido histórico dos filósofos e, segundo ele, este assunto constitui-se em um dos grandes erros já cometidos no pensamento filosófico. Não podemos pensar o homem a partir do modelo contemporâneo, não podemos pressupor que o homem em todos os períodos da história e nas mais diversas culturas seja um só. É certo que Nietzsche leva a modernidade ao tribunal. Pois, parece-nos que esta não faz uma consequente hermenêutica, ao compreender o homem a partir dos deveres e não do que ele é em si.

É preciso um olhar histórico, pois a cultura aqui não é vista em oposição à natureza, mas como algo essencial para compreendê-la. Se é que podemos, de fato, chegar a este conhecimento. O que realmente importa é a vida. No seu *Zarathustra* Nietzsche apresenta sua dialética, onde há vida, existe também vontade de potência, vontade de vencer, de ser senhor de si mesmo e senhor da própria vida.

2 VIDA COMO VONTADE DE POTÊNCIA

Não é tarefa fácil definir o que é a vida. Para o filósofo alemão a vida é vontade que cria. É como uma obra de arte aberta às diversas possibilidades de interpretação. Vida é um constante processo de autocriação. A força criadora passa pelo desejo de superação, de auto-superação. Vida, portanto, é um fenômeno estético e não um fenômeno em si mesmo. O homem, como escultor do seu próprio destino: aqui o artista e a sua obra estão juntos em constante processo de criação.

Em que consiste, pois vida como vontade de potência? Existe uma relação tensa entre vida e natureza, pois, neste sentido, viver é querer ser diverso da natureza como propõe Suarez (2012, p. 92). O sentido de “natureza” apresenta-se como um elemento limitador da prepotência da vida.



Para Nietzsche não é possível avaliar a vida, à medida que nós, seres humanos, somos limitados. Sempre falamos da vida a partir dela mesma, a nossa razão não pode nos dizer o que ela é, é primeiramente o *devenir*, em constante transformação. A crítica nietzscheana se dá pela impossibilidade da moral e da antropologia avaliar o valor da vida e da existência humana. Segundo Nietzsche no seu livro *Humano, demasiado humano*, ao declarar que “o erro acerca da vida é necessário à vida”:

Toda crença no valor e na dignidade da vida se baseia num pensar inexato; é possível somente porque a empatia com a vida e o sofrimento universais da humanidade é pouco desenvolvida no indivíduo. Mesmo os homens raros, cujo pensamento via além de si mesmos, não lançam os olhos a essa vida universal, mas somente a partes limitadas dela (NIETZSCHE, 2000, p. 39).

Todo ser vivente faz-se intérprete do longo texto hieroglífico, sombrio e enigmático que é a natureza. Toda avaliação e qualquer espécie de julgamento não pode ser exato. Talvez possamos entender a vida como o valor dos valores, já que ela é um valor que não pode ser avaliado. No pensamento do filósofo alemão vida e valor se equivalem.

3 COSMOLOGIAS

Quem é Dionísio tão presente na obra de Nietzsche? Aqui entendemos, entre tantas outras significações como corpo, natureza, mundo. A cosmologia de Nietzsche está acentuada na relação “Natureza e espírito”, como acentua Scarlett Marton em sua obra *Das forças cósmicas aos valores humanos*, cuja meta do filósofo é encontrar uma ligação entre as ciências da natureza e as ciências do espírito.

A existência humana acontece neste ensaiar, nesta relação tênue de forças, no caminhar de Dionísio, não o Dionísio oposto de Apolo, mas antes como um Dionísio-Apolo. O homem caminha nos passos da natureza, pois caminha sob o ritmo do *devenir*. De acordo com Ricardo Espinoza Lolas (2008,



p. 225), “Os Pés do Acaso é a métrica mais própria de Dionísio. O Viandante faz o caminho ao caminhar porque o caminho por em si e por si não existe”

Nietzsche demonstra claro interesse pelos gregos, os chamados filósofos da natureza. É a reflexão acerca desta filosofia que possibilitara ao pensador alemão refletir sobre os problemas que, continuamente, são postos pela condição humana.

O estudo atento dos gregos pré-socráticos justifica a valorização que o nosso filósofo atribui a arte, pois a vida só se justifica como fenômeno estético, à medida que o homem é uma massa informe e precisa ser moldado constantemente.

O eterno retorno, o *devenir* a vida como processo de transformação, como fluxo contínuo. No pensamento de Nietzsche a articulação entre natureza e espírito ocorre a partir do próprio homem. Essa articulação é construída através do vir-a-ser, do *devenir*.

Este “si mesmo”, constituído de múltiplas de forças, isto é natureza. A natureza é o fluir, esta constante transformação e não a compreensão de natureza enquanto corrente idealista, materialista ou positivista. Muito menos dogmática, romântica, teológica ou cristã, não há nela nenhum caráter niilista, como aponta Ricardo Espinoza Lolas (2008) em seu ensaio *Nietzsche e a natureza que dança*, ela é este abismo que flui, como o fundamento de todos os fundamentos, não como fundamento máximo e eterno, pois, antes, é um fundo abismal, cosmológico, pois aqui natureza e espírito se fundem.

Como enunciamos o mundo é construído e constituído a partir de perspectivas plurais e diversas interpretações. No entanto tamanha diversidade não impede que o filósofo tente compreender o mundo. Sempre existe a possibilidade de esboçarmos respostas, ao tentar conhecer a natureza, ao conhecer o próprio homem.

Nietzsche em sua obra elabora uma cosmologia “científica”. No *Humano, demasiado humano*, diz:

Uma cultura Superior deve dar ao homem um cérebro duplo, como que duas câmaras cerebrais, uma para perceber o que é a ciência, outra para o que não é ciência; uma ao lado da outra, sem se confundirem, separáveis, estanques (NIETZSCHE, 2000, p. 173).



Scarlet Marton, em sua obra *Das forças cósmicas aos valores humanos* (1990, p. 209) afirma que esta escolha do filósofo alemão se dá por sua recusa de conhecimento absoluto, bem como desta noção de verdade enquanto correspondência perfeita entre pensamento e realidade.

Se entendermos essa pluralidade como tentativa de interpretação, não excluimos a possibilidade destas serem boas ou más, ao mesmo tempo em que Nietzsche está certo que sua teoria cosmológica não é apenas mais uma interpretação. Quando percorre múltiplos caminhos, o faz por querer fazer experiências com o próprio pensar.

4 CONCLUSÃO

Nietzsche elabora uma filosofia da natureza que se apresenta como cosmológica, uma cosmologia artística por assim dizer. A compreensão da natureza pode ser feita a partir de uma investigação genealógica. Para compreender a sua concepção de natureza é preciso analisar o valor supremo, o valor dos valores, bem como levar em conta que a cosmologia nietzscheana está ligada à vida. O que ele pretendeu, com sua explicação, foi unificar esta teoria de forças, neste processo genealógico e cosmológico.

Como compreender o homem a partir deste pensamento? Qual é a grandeza do homem? Em seu *Zaratustra* o filósofo nos apresenta o além-do-homem, o super-homem, aquele que supera a si mesmo, aquele no qual a vontade de potência age continuamente. Vale destacar que o filósofo não admite leis causais, essa relação de causa e efeito. A natureza é o “outro” da vida, é ainda a própria vida.

O que é a natureza senão este enigma sombrio, escrito em hieroglífico? O homem é o seu perene intérprete e tradutor e vida é, antes de tudo, vontade de potência. Este processo de interpretação necessita do amparo genealógico, pois o tempo é eterno e é preciso fazer uma hermenêutica dos valores. O homem é aquele que é capaz de ler este longo texto e ao menos tentar compreendê-lo. Este processo dinâmico do



fluir ocorre no instante, ou seja, não é possível ir contra a natureza. Ao contrário, é preciso compreendê-la, pois a felicidade, de certa maneira, encontra-se nela e é através dela que a vida mostra-se como vontade de potência.

REFERÊNCIAS

LOLAS, Ricardo Espinoza. Nietzsche e a Natureza que dança. In: Rachel gazolla (ORG.). **Cosmologias**: cinco ensaios sobre filosofia da natureza. São Paulo: Paulus, 2008. Cap 5, p. 193-229.

MARTON, Scarlet. **Das forças cósmicas aos valores humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SUAREZ, Rosana. Sobre causalidade e natureza em Nietzsche. **Trágica**: estudos sobre Nietzsche, n° 2, 2012, p. 84-98.



Alisson Flores Caires

